

Faz-de-conta auxilia a compreender adultos

ELISABETH MAGGIO
Especial para o Estado

Mais que brincadeira, os jogos lúdicos desenvolvidos pelas crianças constituem um elemento vital, para integrá-las ao meio em que vivem. A conclusão é da psicóloga e pedagoga Vera Maria Barros de Oliveira, autora de uma tese — defendida no Instituto de Psicologia da USP — sobre a importância do “faz-de-conta” na vivência infantil. Segundo o estudo, é através do faz-de-conta que a criança comprehende e assimila o mundo adulto.

“A criança capta e reproduz muito mais do que se imagina: a postura do corpo, o tom de voz, e até a intensidade das emoções das pessoas que a cercam”, explica Vera, que há 10 anos trabalha com crianças de creches conveniadas com a Prefeitura. Através da observação de 144 crianças de creches, com idades entre um ano e meio a quatro anos, a psicóloga traçou um melancólico perfil: “Elas são assustadas e ansiosas, sem iniciativa própria e com a autonomia seriamente prejudicada”. De acordo com Vera, isso acontece porque a programação rígida das creches cerceia até mesmo as brincadeiras infantis, essenciais ao desenvolvimento das crianças. Para comprovar estas observações, Vera aplicou, durante dois anos, programação diferente numa creche no bairro do Bixiga. Neste projeto-piloto, foram abolidas todas as formas de massificação do comportamento da criança, permi-

tindo que sua autonomia fosse valorizada. Acompanhando os jogos do faz-de-conta espontâneos, sem interferências ou orientações, Vera encontrou na brincadeira infantil um mecanismo de adaptação ao mundo. “Privar a criança de brincar livremente significa privá-la deste mecanismo”, conclui Vera.

Isaura de Mello Castanho e Oliveira, coordenadora da rede de Creches e Centros de Juventude da Prefeitura de São Paulo, endossa a tese de Vera e vai ainda mais longe: “O que estamos propondo às creches municipais é uma política de liberdade da criança. Não só em relação à brincadeira, mas a todas as outras atividades, como as refeições, o banho, o sono. Para Isaura, estas atividades também podem se transformar em momentos de aprendizado e lazer. Porém, a principal dificuldade para que a nova orientação seja plenamente assimilada pelas creches municipais são os próprios funcionários, geralmente avessos às mudanças.

Mudar a mentalidade desses funcionários é o trabalho de Sílvia Carvalho, coordenadora da Crecheplan — uma entidade sem fins lucrativos que atua na formação de profissionais de creches. Responsável por cursos dirigidos a pagens e monitores de todo o País, Sílvia garante que “a grande vantagem de crianças freqüentarem creches é o contato com as outras crianças, que se dá através da brincadeira”.